



ABASTECER A CIDADE NA EUROPA MEDIEVAL

*Provisioning Medieval
European Towns*

Amélia Aguiar Andrade
Gonçalo Melo da Silva (eds.)



ABASTECER A CIDADE
NA EUROPA MEDIEVAL

*Provisioning Medieval
European Towns*

IEM – Instituto de Estudos Medievais

Coleção ESTUDOS 22

ABASTECER A CIDADE
NA EUROPA MEDIEVAL

*Provisioning Medieval
European Towns*

AMÉLIA AGUIAR ANDRADE
GONÇALO MELO DA SILVA
editores

Textos selecionados das IV Jornadas Internacionais de Idade Média “Abastecer a Cidade na Europa Medieval” (Castelo de Vide, de 10 a 12 de Outubro de 2019) e da Escola de Outono (Castelo de Vide, 8 e 9 de Outubro de 2019).

Arbitragem Científica:

Adelaide Millán da Costa (Universidade Aberta)
Antonio Collantes de Terán (Universidade de Sevilha)
Beatriz Arizaga Bolumburu (Universidade de Cantábria-Santander)
Catarina Tente (Universidade Nova de Lisboa)
Denis Menjot (Universidade Lyon 2)
Dolores Villalba Sola (Universidade de Granada)
Emilio Martín Gutiérrez (Universidade de Cádiz)
Eduardo Aznar (Universidade de La Laguna)
Hermenegildo Fernandes (Universidade de Lisboa)
Hermínia Vilar (Universidade de Évora)
Isabel del Val Valdivieso (Universidade de Valladolid)
João Luís Fontes (Universidade Nova de Lisboa)
Jonathan Wilson (Instituto de Estudos Medievais, NOVA FCSH)
Luísa Trindade (Universidade de Coimbra)
Manuel Fialho Silva (Centro de História da Universidade de Lisboa)
Manuela Santos Silva (Universidade de Lisboa)
María Asenjo González (Universidade Complutense de Madrid)
Maria Filomena Barros (Universidade de Évora)
Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)
Mário Farelo (Universidade Nova de Lisboa)
Mário Jorge Barroca (Universidade do Porto)
Michel Bochaca (Universidade de La Rochelle)
Pere Verdes Pijuan (Institución Millá y Fontanals (CSIC))
Santiago Macías (Universidade Nova de Lisboa)
Sara Prata (Instituto de Estudos Medievais, NOVA FCSH)
Sauro Gelichi (Universidade Ca’Foscari Venezia)
Wim Blockmans (Universidade de Leiden)

O Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto UID/HIS/00749/2020.

Publicação financiada pela Câmara Municipal de Castelo de Vide.

| | |
|----------------------|---|
| Título | Abastecer a Cidade na Europa Medieval Provisioning Medieval European Towns |
| Editores | Amélia Aguiar Andrade, Gonçalo Melo da Silva |
| Edição | IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide |
| Imagem de capa | Muralha da vila de Castelo de Vide, fotografia de Eduardo Alves © |
| Coleção | Estudos 22 |
| ISBN | 978-989-54529-2-7 (IEM) 978-972-9040-17-7 (C. M. de Castelo de Vide) |
| Paginação e execução | Marcel L. Paiva do Monte, com base no design de Ana Pacheco |
| Revisão | Mariana Alves Pereira |
| Depósito legal | 474746/2020 |
| Impressão | Tipografia Priscos, Lda. |

Índice

| | |
|---------------------------|----|
| Apresentação | 11 |
| <i>António Pita</i> | |

| | |
|---|----|
| Abastecer a cidade na Europa medieval: algumas reflexões em torno de um colóquio, de um livro e de um tema | 13 |
| <i>Amélia Aguiar Andrade, Gonçalo Melo da Silva</i> | |

PARTE I

A Intervenção dos Poderes

The Intervention of Powers

| | |
|--|----|
| Strange Cities on the Waters: North Adriatic settlements between 7th-9th centuries AD | 23 |
| <i>Sauro Gelichi</i> | |

| | |
|--|----|
| Some problems about urban transitions in 12th and 13th Iberia | 37 |
| <i>Hermenegildo Fernandes</i> | |

| | |
|--|----|
| Ciudades y procesos de “agrarización” en Andalucía Occidental durante el siglo XV | 63 |
| <i>Emilio Martín Gutiérrez</i> | |

| | |
|---|----|
| Lisboa e o abastecimento de vinho para Ceuta na primeira metade do século XV | 91 |
| <i>José Miguel Zenhas Mesquita</i> | |

| | |
|--|-----|
| Do cultivo ao consumo: o abastecimento de cereal na Gafaria de Coimbra nos séculos XIV e XV | 111 |
| <i>Ana Rita Rocha</i> | |

| | |
|---|-----|
| O abastecimento alimentar da cidade em finais do século XIV: o contributo do Livro das Posturas Antigas de Évora | 129 |
| <i>Rodolfo Petronilho Feio</i> | |

PARTE II

Gerir Crises e Conflitos no Abastecimento

Managing Crises and Conflicts in Supply

| | |
|---|-----|
| Defender la ciudad medieval contra el hambre: abastecimiento y políticas anonárias | 151 |
| <i>Denis Menjot</i> | |

| | |
|---|------------|
| Uma pequena cidade medieval e o seu pão na Baixa Idade Média: o caso de Loulé..... | 179 |
| <i>Iria Gonçalves</i> | |
| El abastecimiento cerealista de Manresa durante la hambruna de 1333-1334 | 215 |
| <i>Adrià Mas i Craviotto</i> | |
| A luta pelo controlo do abastecimento e repartição da carne e do peixe na cidade de Braga nos séculos XIV e XV | 237 |
| <i>Raquel Oliveira Martins</i> | |
| Del mar Cantábrico a la meseta castellana. Las dificultades de los mercaderes de las Cuatro Villas de la Costa en la distribución del pescado en el norte de Castilla a finales de la Edad Media | 253 |
| <i>Javier Añibarro Rodríguez</i> | |
| Problemas en el abastecimiento del pescado en la meseta meridional castellana a finales de la Edad Media..... | 271 |
| <i>Julián Sánchez Quiñones</i> | |

PARTE III

Ao Gosto da Cidade: Matérias-Primas e Produtos

To the Taste of the City: Raw Materials and Products

| | |
|---|------------|
| Provision in Medieval Rome: data on the building activities | 295 |
| <i>Nicoletta Giannini</i> | |
| Matérias-primas para o Paço da Alcáçova: a intervenção régia num Paço lisboeta (1507-1513) | 309 |
| <i>Diana Martins</i> | |
| Provisioning the building sites of the mendicant convents in Auvergne (Realm of France) in the Middle Ages (early 13th-early 16th centuries) | 329 |
| <i>Claire Bourguignon</i> | |
| Abastecer um estaleiro construtivo: O exemplo do Colégio da Graça (1543–1548) | 347 |
| <i>João Paulo Graça Pontes</i> | |
| A louça quotidiana e identidade social em Santarém na Idade Média (séculos XI-XIV) | 365 |
| <i>Tânia Manuel Casimiro; Carlos Boavida; Telmo Silva</i> | |

PARTE IV

Espaços, Equipamentos e Rostos do Abastecimento

Spaces, Infrastructure, and Faces of Supply

Espaços e arquiteturas de abastecimento da cidade medieval..... 383

Maria do Carmo Ribeiro

Las alhóndigas. Análisis de una nueva arquitectura civil. Importancia de su implantación en las ciudades de Castilla y León en el siglo XVI 403

José Miguel Remolina Seivane

Moleiros, moinhos e azenhas no Porto nos séculos XIV e XV: um setor-chave do abastecimento cerealífero urbano 423

Arnaldo Melo

O armazenamento e a gestão dos recursos nas cidades do Gharb al-Andalus: o exemplo de Alcácer do Sal 449

Marta Leitão

As estruturas de produção e armazenamento da vila medieval de Sesimbra 467

Rui Filipe Gil; Rafael Santiago

Os mercadores e os mesteres na paisagem urbana do século XV: o contributo da documentação notarial vimaranense 483

André Moutinho Rodrigues

“quallquer [...] rregateira que conprar quaaesquer mantjmentos em quaisquer lugares”: o papel das regateiras no abastecimento alimentar urbano..... 497

Mariana Alves Pereira

PARTE V

Tempos de comércio: mercados e feiras, fiscalidade e moeda

Times of Trade: Markets, Fairs, Taxation, and Money

Na Lisboa de D. João I (1385-1433): fiscalidade régia e abastecimento 511

Catarina Rosa

El diezmo de los trigos del cabildo catedralicio del Reino de Mallorca: estructura y recaudación (1400-1420)..... 527

María del Camí Dols Martorell

| | |
|--|------------|
| The Crown, Towns and Currency: The Constitutional Restraint of Coinage in León and Castile, 1157-1230 | 551 |
| <i>James Todesca</i> | |
| | |
| Entre o abastecimento da vila e o comércio regional: feiras mensais e quinzenais na Idade Média Portuguesa | 573 |
| <i>Paulo Morgado e Cunha</i> | |
| | |
| Vegetais nos mercados do Ġarb al-Andalus. Entre os tratados agronómicos e a arqueo-botânica (séculos X-XIII)..... | 589 |
| <i>António Rei</i> | |
| | |
| La saca de pan y el almirantazgo castellano: jurisdicciones, conflictos institucionales y tensiones sociales..... | 607 |
| <i>Lorenzo Lage Estrugo</i> | |

Apresentação

“A Arte é tudo – tudo o resto é nada.
Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo.”

Eça de Queirós in “A Correspondência de Fradique Mendes.”

Com esta quarta publicação dos artigos produzidos no âmbito das Jornadas Internacionais de Idade Média, as quais, desde 2016, ininterruptamente, se têm vindo a realizar nesta Notável Vila, reforça-se a firmeza do compromisso assumido entre a Câmara Municipal de Castelo de Vide e o Instituto de Estudos Medievais, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Na realidade, as vivências e a oralidade intrínsecas à realidade presencial própria dos dias em que se desenrolam as Jornadas, caracterizam-se por terem um sabor insubstituível, tão específico do inigualável prazer que brota do diálogo nas relações entre seres humanos. E, por assim ser, contamos mentalmente os meses que faltam para mais um reencontro anual neste espaço-projeto, onde, entre a riqueza das apresentações pluridisciplinares e os profícuos debates em diferentes línguas, há sempre um intervalo para desfrutar do tempo – deste tempo denso e sedimentado que só as terras fundadas na Idade Média possuem. É, pois, nesta atmosfera plácida e tranquila, entre prenúncios de outono, que esta Notável Vila (onde nasceu Garcia de Orta, Mouzinho da Silveira, Laranjo Coelho e Salgueiro Maia), sente o orgulho de ser palco desta feliz cooperação entre Academia, Universidade e Poder Local, cujos resultados, ano após ano, subsidiam indelevelmente o conhecimento histórico.

De facto, por um lado, é neste ambiente telúrico e de entusiasmo que decorrem as Jornadas da Idade Média, sentindo-se a riqueza intrínseca na descontraída interação entre investigadores, alunos e colaboradores – e ainda com o próprio lugar! Um espaço de experiências, de reflexões, de diferentes abordagens, de distintas perspetivas, que em sala, nos corredores ou no jardim, resulta em enriquecimento dos participantes e alimenta a harmonia entre medievalistas. Contudo, será sempre através da forma de LIVRO que o conhecimento transcrito ganha garantias da sua perenidade, na medida em que essa materialidade substantiva ultrapassa as coordenadas do Tempo

e dos Lugares, cumprindo assim (ainda) a sua primordial missão de transmissão do saber entre as sociedades. Por cada ano que passa, e verificando-se a continuidade deste projeto, cresce o orgulho de Castelo de Vide, na medida em que, embora participando de forma muito modesta mas muito empenhada, cumpre e faz jus ao compromisso formal e público assumido desde a primeira hora: “proporcionar as condições necessárias para que Castelo de Vide, durante longos e frutuoso anos, se afirme como um fórum de discussão entre investigadores que tragam luz sobre os infundados mistérios que envolvem a cidade medieval europeia!” Porém, há no tempo presente uma ameaça latente que rasga o planeamento e torna a decisão sobre a realização da iniciativa depender da realidade circunstanciada quase ao dia. De facto, no momento em que estas linhas são escritas importa sublinhar o período verdadeiramente excecional em que vários países do mundo, e particularmente Portugal, estão assolados pela pandemia COVID-19, cuja evolução e desfecho a ciência ainda não domina.

Porém, não obstante este contexto de risco – e naturalmente porque Castelo de Vide iça a sua bandeira de lugar “Clean and Safe”, sendo, portanto, e por ora, um território sanitariamente seguro –, reiterámos ao Instituto de Estudos Medievais a nossa determinação em prosseguir com as Jornadas no presente ano de 2020, ou seja, daqui a poucas semanas. E a resposta intrépida foi: “– Vamos a isso! Seguindo obviamente os protocolos de segurança!” E, é precisamente neste acreditar de que podemos ser proprietários do nosso destino que sentimos a profunda convicção de 2021 trazer mais um livro a esta fantástica coleção. Queremos muito acreditar que todo o esforço já produzido até à data será justamente compensado pela força providencial de repetirmos esta tarefa concretizando as Jornadas dedicadas à Governança da Cidade Medieval, servindo assim a investigação histórica e ganhando conhecimento à Idade Média. Por último, importará sempre – e uma vez mais! –, como ato da mais elementar justiça, agradecer genuinamente à Direção do Instituto de Estudos Medievais. A ilustre plêiade das Professoras/Investigadoras/Diretoras que têm sido verdadeiras construtoras desta arquitetura de conhecimento em torno da cidade medieval, graças ao empenhamento e dedicado trabalho produzido na organização e coordenação desta iniciativa, semearam frutos que, ano após ano, evidenciam um inestimável sucesso consubstanciado com esta notável obra fundada já em 4 livros. E Castelo de Vide agradece reconhecidamente o privilégio por associar o seu nome a este singular projeto de investigação que assim vai fazendo a sua própria história!

António Pita

Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Abastecer a Cidade na Europa Medieval: algumas reflexões em torno de um colóquio, de um livro e de um tema

*Amélia Aguiar Andrade¹
Gonçalo Melo da Silva²*

Em Outubro de 2019 decorreram em Castelo de Vide a 3ª *Escola de Outono em Estudos Medievais* e as 4ªs *Jornadas Internacionais de Idade Média*, estas últimas em torno do tema *Abastecer a cidade na Europa medieval*. Um ano depois, graças ao apoio da Câmara Municipal de Castelo de Vide disponibiliza-se ao público uma recolha de textos seleccionados de entre os apresentados nesses dois eventos, depois de terem sido alvo de uma dupla avaliação por pares. Apesar das dificuldades colocadas pelo actual contexto pandémico ao desenvolvimento de trabalhos de investigação, é possível publicar um conjunto de trinta textos elaborados por trinta e três investigadores provenientes de Portugal, Espanha, Itália, França e Estados Unidos da América. Esta obra, revelando e ampliando o que foram as lições da *Escola de Outono* e as conferências plenárias e comunicações das *Jornadas*, vem dar continuidade ao desiderato que desde sempre se quis associar à organização destes dois eventos: ultrapassar o âmbito mais restrito dos que neles participaram para chegar a públicos mais vastos, através da divulgação, em formato papel e digital, de conhecimento novo e de qualidade sobre a cidade medieval.

Contudo, este livro não recolhe os posters apresentados pelos alunos da *Escola de Outono*, reveladores de trabalhos em curso destinados à obtenção do grau de mestre ou de doutor, que suscitaram não só animadas discussões como novas interpelações que constituíram importantes contributos para a melhoria das problemáticas e das metodologias de trabalho a empreender pelos estudantes. A sua

¹IEM - NOVA FCSH.

²IEM - NOVA FCSH.

diversidade temática foi reveladora de que, apesar dos constrangimentos no apoio à investigação, continua a haver jovens disponíveis para desbravarem novos caminhos para um melhor conhecimento da Idade Média. A adesão de um número cada vez mais elevado de estudantes e a participação, para além dos professores convidados, de outros professores e/ou investigadores interessados em participar nas discussões, comprovam a importância deste tipo de actividade para a formação de jovens investigadores e de como a *Escola de Outono de Castelo de Vide* se tem vindo a impor, paulatinamente, na agenda de trabalho de mestrandos e doutorandos nacionais e estrangeiros.

Condicionalismos de vária ordem impedem também, a transcrição nesta obra, dos debates que tiveram lugar no final das distintas sessões das *Jornadas*, a partir dos quais se alargaram perspectivas, se sugeriram outras interpretações dos dados, se contextualizaram de forma mais ampla resultados. Contributos que muitos autores inseriram nas versões escritas das suas apresentações agora publicadas, o que é revelador da importância que o debate científico sempre tem para a melhoria da qualidade dos estudos históricos. A diversidade da proveniência, formação e interesses historiográficos dos participantes bem como a saudável mistura entre investigadores experientes e jovens em início de carreira que caracteriza as *Jornadas*, tem sido particularmente estimulante para uma frutuosa troca de ideias, que não se esgota nas sessões e, se prolonga nos momentos de convívio, abrindo caminho ao estabelecimento de futuras redes de trabalho colaborativo.

Os textos agora apresentados comprovam a pertinência da escolha do tema do abastecimento da cidade medieval para as *Jornadas*, não só porque este surge como um elemento incontornável na subsistência das comunidades urbanas medievais como também se revela com um objecto historiográfico de enorme potencialidade, uma vez que pode interligar-se com problemáticas bem presentes na sociedade actual, como o equilíbrio dos ecossistemas, a exploração regrada dos recursos naturais, a protecção do ambiente, entre outras. Apresenta ainda uma especial disponibilidade para o desenvolvimento de estudos de carácter interdisciplinar em que a História e a Arqueologia medievais podem beneficiar muito do diálogo com outros ramos do saber que estão para além das Ciências Sociais e Humanas como é o caso, por exemplo, da Geologia, da Biologia ou, da Agronomia.

Contudo, quando um encontro científico resulta, como acontece com as *Jornadas Internacionais de Idade Média de Castelo de Vide*, de um apelo a comunicações amplamente divulgado, tende sempre a ocorrer um certo distanciamento entre o que desejam os organizadores – plasmado no texto de apresentação e nas sugestões temáticas – e a resposta da comunidade científica, expressa nas propostas de comunicação. Os organizadores pretendem que o programa seja temático, espacial e cronologicamente o mais completo e abrangente possível, enquanto os investigadores

traduzem, nas suas propostas, as dinâmicas actuais da investigação desenvolvida nos contextos historiográficos em que se inserem. As palestras dos oradores convidados pretendem por isso ser, nesse contexto, as âncoras que possibilitam que a temática central encontre um levantamento de problemáticas inovadoras e/ou a proposta de metodologias capazes de lhe responderem com a maior eficácia. Circunstâncias que se reflectem no conteúdo desta publicação, em que se mesclam as propostas de escopo mais profundo e reflexivo com os estudos de caso, mais circunscritos temática e espacialmente. Em todos, o leitor pode ainda encontrar remissões para uma vasta bibliografia complementar ou, a referência a colecções documentais que poderá consultar. A riqueza desta obra, que nos apraz salientar, assenta na complementaridade entre as perspectivas apresentadas, a diversidade de espaços de observação considerados e a amplitude das problemáticas equacionadas.

De entre os textos apresentados pelos oradores convidados cumpre destacar os que equacionaram as questões de abastecimento urbano de uma forma mais profunda lançando perspectivas e metodologias de trabalho muito estimulantes e os que, não tendo o abastecimento como cerne das suas apresentações, todavia traçaram quadros de reflexão problematizantes sobre espaços, cronologias e protagonistas do processo urbano em espaços e cronologias menos glosados. No primeiro caso contam-se os artigos de Emilio Martín Gutiérrez e de Denis Menjot. No seu texto *Ciudades y proceso de "agrarización" en Andalucía Occidental durante el siglo XV*, o primeiro dos autores referidos parte de uma escala regional e do estabelecimento de uma cartografia exemplar para realçar a interacção entre a cidade e o campo na construção das paisagens sociais medievais. Valorizando a interdisciplinaridade reflecte sobre a importância da análise dos ecossistemas em que se inserem os núcleos urbanos pois estes constituem a base da exploração dos recursos naturais, fundamentais no abastecimento urbano e na sua inserção em circuitos de consumo mais vastos. O texto de Denis Menjot – *Defender la ciudad contra el hambre: las políticas anonarias de los gobiernos urbanos en la Europa bajomedieval* – assume-se como uma síntese reflexiva que tem como espaço de observação a Europa medieval e que glosa as principais problemáticas sobre as questões relacionadas com o abastecimento de cereal e com a capacidade de resposta das cidades ao problema das carestias de cereal, na perspectiva dos poderes em presença. Um texto que se completa com o excelente estudo de uma pequena cidade no contexto português que Iria Gonçalves, oradora convidada desenvolve em *Uma pequena cidade e o seu pão na Baixa idade Média: o caso de Loulé*.

Sauro Gelichi por seu turno, em *Strange Cities on the waters: north Adriatic settlements between 7th-9th centuries AD*, tendo como espaço de observação a região lagunar de instalação das cidades de Veneza e Commachio, estabelece um reflexo sobre um adequado entrosar de fontes escritas e arqueológicas e do seu

questionamento para a recuperação de cronologias mais recuadas e para equacionar a problemática da instalação de comunidades urbanas em espaços marginais. No seu texto de Hermenegildo Fernandes – *Alguns problemas em torno de uma transição urbana no Sudoeste da Península Ibérica (séculos XI-XII)* – reencontramos a afirmação das potencialidades da utilização simultânea e completar de fontes narrativas e resultados da investigação arqueológica, no esclarecimento dos processos de transformação sociais e espaciais urbanos. Aplicada ao estudo das transformações sofridas pelas cidades do al-Andalus no contexto das ocupações de Almorávidas e Almóadas permite apontar ainda permanências que se prolongam no pós-conquista cristã e consequentemente, um melhor entendimento das transformações que a ocupação cristã vai gerar.

A maioria dos textos agora disponibilizados têm como cronologia dominante os séculos XIV e XV, tanto mais esperável quanto predominam os estudos que têm a Península Ibérica como quadro espacial de observação e dentro desta, sobretudo os reinos medievais cristãos. A conjuntura peninsular de guerra com o Islão, que se prolongou de forma mais evidente até à 2ª metade do século XIII, gerou uma afirmação tardia da cidade ibérica em relação a outras regiões europeias e consequentemente, a sua presença nas fontes disponíveis. Este predomínio espacial peninsular tem o seu contraponto nas aproximações a espaços de além Pirinéus que tanto privilegiam a escala regional – o Auvergne considerado na cronologia longa que se estende entre os séculos XIII e XVI e em função de um elemento específico como era a presença mendicante – como uma cidade de referência de tradição romana e feição mediterrânica como foi a Roma medieval e o seu abastecimento de matérias primas, aqui também analisados, numa ampla diacronia.

Desde sempre que as comunicações resultantes das distintas edições das *Jornadas* têm vindo a revelar que a Europa urbana medieval tende a organizar-se em função da dicotomia grande cidade/média e pequena cidade, com claro predomínio deste último modelo, por isso cada vez mais presente na agenda de investigação sobre a cidade medieval. É pois maioritariamente em função de pequenas e de médias cidades que os problemas de abastecimento se encontram apresentados, quer estas se apresentem articuladas em redes de contactos ou de espaços regionais quer consideradas *per si*.

A elaboração dos estudos inseridos nesta obra recorreu a uma enorme diversidade de fontes: materiais, documentais, normativas, iconográficas, numismáticas, arqueológicas às quais há que acrescentar todos os materiais – especialmente os de natureza cartográfica – produzidos pelos autores dos textos e resultantes do tratamento de informação inédita, alguns constituindo propostas interpretativas inovadoras. Destacam-se as que traduzem as preocupações das comunidades e dos poderes seus enquadradores com as questões de abastecimento, especialmente em momentos de

crise ou, as que decorrem da organização dos sistemas produtivos, de circulação de produtos ou, da fiscalidade que lhe estava associada. Metodologicamente é de salientar, como cada vez mais, os estudiosos da cidade medieval tendem a utilizar, de forma crítica, informação muito diversa, contornando, ainda que nem sempre com facilidade, barreiras disciplinares ou cronológicas.

A multiplicidade de fontes utilizada explica, em parte a diversidade de perspectivas desenvolvidas quer estas sejam protagonizadas pela fiscalidade, pela normativa ou pela expressão material de marcas sobre as paisagens urbanas e peri-urbanas e a sua articulação com a afirmação dos diferentes poderes em presença. Não admira por isso, que as problemáticas decorrentes surjam também variadas podendo salientar-se as mais frequentemente glosadas, como é o caso das resultantes das preocupações com o abastecimento alimentar urbano, geradas pelas recorrentes situações de carestia e pelos fenómenos que lhe estavam associados como as fomes, a alta de preços e, a especulação. Associáveis aos problemas de abastecimento de aglomerados humanos concentrados e com de alguma dimensão, são sem dúvida, as questões decorrentes das difíceis dinâmicas de articulação entre os diferentes poderes em presença, sobretudo quando em momentos de crise, se torna evidente a necessidade de garantir a paz social e a simultânea afirmação da sua eficácia como garantes do bem comum.

Outras problemáticas subjacentes às investigações reveladas nesta publicação centram-se na posse e usufruto de recursos naturais e agrícolas sendo que estes têm inerentes processos de enriquecimento que podem estar em directa correlação com a posse da terra, dos meios de produção e do transporte desses mesmos recursos e produtos. O crescimento urbano e a maior complexidade das sociedades urbanas e a sua consequente hierarquização fomentavam situações de conflitividade entre os possidentes mas, não menos importante situações de pluriactividade quer entre as oligarquias urbanas como nos sectores artesanais, acrescentando complexidade à análise dos grupos sociais intervenientes no processo de abastecimento urbano.

Fica também evidente que o abastecimento da cidade medieval e as suas problemáticas específicas se entrosam com outras que, não as integrando directamente lhe são paralelas e por vezes até sistémicas, como as que se associam com os níveis de produção agrícola, com o trabalho, sobretudo o de natureza artesanal, com as dinâmicas da actividade mercantil, ou ainda, com ao enquadramento fiscal das actividades económicas em contexto urbano.

Torna-se claro ainda, que tal como muitos autores têm chamado a atenção, é indispensável, para estudar o abastecimento urbano medieval, equacionar a cidade como um simultâneo centro consumidor, produtor, transformador e distribuidor, mas levando sempre em conta as diferentes escalas urbanas e o estabelecimento da relação entre o consumo e a organização e hierarquização social que caracteriza

cada vila ou cidade. Mas também emerge destas distintas abordagens a necessidade de não equacionar a cidade medieval como um espaço fechado, antes o integrando em redes de abastecimento e circuitos comerciais, quer por via terrestre quer por via fluvial e/ou marítima com escalas que encontram denominadores diversos tais como a relação cidade-campo, os contactos inter-regionais e os de escala internacional.

Tendo em vista o que já se conhece sobre a natureza das fontes disponíveis para o estudo da cidade medieval europeia teria sido esperável que outras temáticas tivessem estado presentes nestas *Jornadas*, que tinham como objectivo estudar e reflectir sobre o abastecimento urbano. Sem preocupações de exaustividade podem referir-se alguns, bastante sugestivos. Seria o caso do estudo dos circuitos de produção e distribuição de produtos de luxo como os livros ou os tecidos de elevado preço. Ou, os problemas levantados pelo abastecimento de minorias confinadas como judeus e mouros nos contextos urbanos e seus conflitos com as maiorias cristãs em momentos de crise ou em relação a práticas alimentares específicas. A disponibilidade de fontes normativas, por seu lado, permite o esclarecimento do papel arbitral e regularizador dos poderes em presença nas vilas e cidades sobre as actividades associadas ao seu abastecimento. A arqueologia do edificado, se bem que constituindo uma orientação recente, permite recuperar a presença dos equipamentos urbanos associados à produção, transformação e venda de produtos – moinhos, mercados, carniçarias, entre outros – permitindo aclarar os lugares de abastecimento quer no entre muralhas quer no espaço urbano. E é surpreendente a presença discreta de uma parte substancial dos protagonistas do processo de abastecimento urbano: os mercadores, os mesteirais, os vendedores e vendedoras de retalho, os oficiais da máquina administrativa e fiscal de enquadramento.

A análise do abastecimento das cidades e vilas medievais necessita da arqueologia para ajudar a melhor interpretar dados documentais existentes ou, a minimizar omissões de informação documental. E no desenho dos seus quadros espaciais de observação necessita de recorrer, cada vez mais, à interdisciplinaridade de modo a recuperar com fiabilidade os ecossistemas e as intervenções antrópicas em que se desenvolveram as cidades medievais e as suas envolventes. Mas, mais precisa de equacionar esta problemática através de investigações tendencialmente sistémicas, que saiam da análise de um cidade, de uma região ou de um reino específicos em favor de perspectivas mais globais, que possam captar circuitos interligados de abastecimento.

* *
*

Os editores querem ainda deixar público o seu agradecimento a todas as instituições e pessoas que contribuíram para tornar este conjunto de iniciativas –

Jornadas Internacionais de Idade Média, Escola de Outono e publicação desta obra – um êxito, garantindo ainda, a sua continuidade no tempo. À Câmara Municipal de Castelo de Vide na pessoa de António Pita, seu Presidente temos a agradecer a aceitação incondicional das nossas propostas e o modo como criou as condições humanas e materiais necessárias para a sua concretização. Através da Dr^a Patrícia Martins queremos agradecer aos funcionários e funcionárias da Câmara Municipal de Castelo de Vide, muitos dos quais não se deixam ver durante a *Semana Medieval* mas que, nos bastidores, asseguram que os eventos decorram sem falhas e com o maior profissionalismo. Ao Instituto de Estudos Medievais, na pessoa da sua Diretora, Prof^a Maria João Branvco, devemos não só o acolhimento destas iniciativas desde o primeiro momento mas também o apoio às tarefas de organização e o financiamento da participação dos oradores convidados e de estudantes da *Escola de Outono*. O Marcel L. Paiva do Monte tornou possível com o seu saber, rigor e bom gosto toda a linha gráfica de divulgação da *Semana Medieval* bem como a concepção e paginação deste livro. A Mariana Pereira, recém-chegada à equipa de organização, agradecemos a sua capacidade de aceitar as tarefas correntes e as inesperadas com a mesma eficácia.

A quantos participaram na Escola de Outono e nas Jornadas – conferencistas convidados, comunicantes, estudantes e assistentes – bem como aos revisores científicos desta obra queremos deixar o nosso obrigado uma vez que a sua participação empenhada transformou a *Escola de Outono* e as *Jornadas Internacionais de Idade Média* em consolidados pontos de encontro e discussão entre todos os que se interessam pelo estudo da cidade medieval. E por fim, o nosso obrigada aos habitantes de Castelo de Vide, pois também é deles o sucesso desta *Semana Medieval*.

PARTE I
A Intervenção dos Poderes
The Intervention of Powers

Strange Cities on the Waters: *North Adriatic settlements between 7th–9th centuries AD*

Sauro Gelichi¹

Abstract

The paper discusses, through archaeological and written sources, the characters of some cities (or new settlements that aspired to become cities) that arose in the northern Adriatic arc during the early Middle Ages: one of the characteristics of these new settlements (such as Venice and Comacchio) is that they arose in marginal and unsuitable places, such as the lagoons. The paper also wants to understand what were the reasons that pushed to colonize these lagoons (first areas of natural resources then points of commercial mediation) and tries to follow the times of their various life cycles. Finally, it aims to enhance the concept of marginality as a determining component in creating the ‘fortune’ of these places.

Keywords

Cities; North-Adriatic; Lagoon; Early Middle Ages.

Strane città sulle acque: gli insediamenti dell’area nord adriatica tra VII e IX secolo

Riassunto

Questo articolo discute, attraverso la documentazione archeologica e scritta, i caratteri di alcune città (o nuovi insediamenti che aspirarono a diventare città) che si svilupparono dell’arco nord adriatico durante l’alto medioevo: una delle caratteristiche di questi nuovi insediamenti (come Venezia e Comacchio)

¹ University of Ca’ Foscari, Venice.

è quello di essere sorti in luoghi marginali e non particolarmente idonei, come le lagune. L'articolo vuole anche comprendere le ragioni che spinsero a colonizzare questi spazi (in un primo momento aree di risorse naturali, poi snodi commerciali) e tentare di seguire nel tempo i loro diversi "cicli di vita". Infine, esso intende valorizzare il concetto di marginalità come componente determinante nel favorire la 'fortuna' di questi luoghi.

Parole chiave

Città; Adriatico del Nord; Lagune; Alto Medio Evo.

1. Why Colonize a lagoon.

A lagoon is not an easy place to colonize. While it does have a few advantages (e.g., in terms of security), it also presents several drawbacks. The need to build on firm ground requires a continuous monitoring of the dry land. Moreover, although lagoons consist almost exclusively of water, drinking water is not always available: this has indeed always been a problem for the Venice area, lacking as it is in natural freshwater springs. Finally, food supply too can be quite a challenge if one wishes to avoid relying entirely on external sources.

And yet, despite these objective difficulties, as many as two coastal saline lagoons in the Northern Italy – Venice and Comacchio – were colonized in the early Middle Ages². Not only were they colonized, but they also gave birth to two communities that developed into considerably populated and, later, institutionally prominent settlements. One of them was to become Venice, a city built on the water. Asking why as well as how it all came to be is therefore a highly promising project for archaeology.

² About Venice, on the archaeological point of view: GELICHI, Sauro – “La storia di una nuova città attraverso l'archeologia: Venezia nell'alto medioevo”. In WEST-HARLING, Veronica (ed.) – *Three Empires, three Cities: Identity, Material Culture and Legitimacy in Venice, Ravenna and Rome, 750-1000*. Turnhout: Brepols 2015, pp. 51–98; GELICHI, Sauro – “Venice in the Early Middle Ages. The material structures and society of the “civitas apud rivoaltum” between the 9th and 10th centuries”. In C. LA ROCCA, Cristina; MAJOCCHI, Piero (eds.) – *Urban Identities in Northern Italy (800-1100 ca.)*. Turnhout: Brepols, 2015, pp. 251-271; GELICHI, Sauro; FERRI, Margherita; MOINE, Cecilia – “Venezia e la sua laguna tra IX e X secolo: strutture materiali, insediamenti, economie”. In GASPARRI, Stefano; GELICHI, Sauro (eds) – *I tempi del consolidamento. Venezia, l'Adriatico e l'entroterra tra IX e X secolo*. Turnhout: Brepols, 2017, pp. 79-128. About Comacchio: GELICHI, Sauro *et alii* – “The history of a forgotten town: Comacchio and its archaeology”. In GELICHI, Sauro; HODGES, Richard (eds.) – *From one sea to another. Trading places in the Europe and Mediterranean Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2012, pp. 169-205; GELICHI, Sauro – “Comacchio: A Liminal Community in a Nodal point during the Early Middle Ages”. In GELICHI, Sauro, GASPARRI, Stefano (eds.) – *Venice and Its Neighbors from the 8th to 11th Century. Through Renovation and Continuity*. Leiden: Brill, 2018, pp. 142-167.

2. When and why. The North Adriatic sea during the 8th and 9th centuries (Fig. 1)

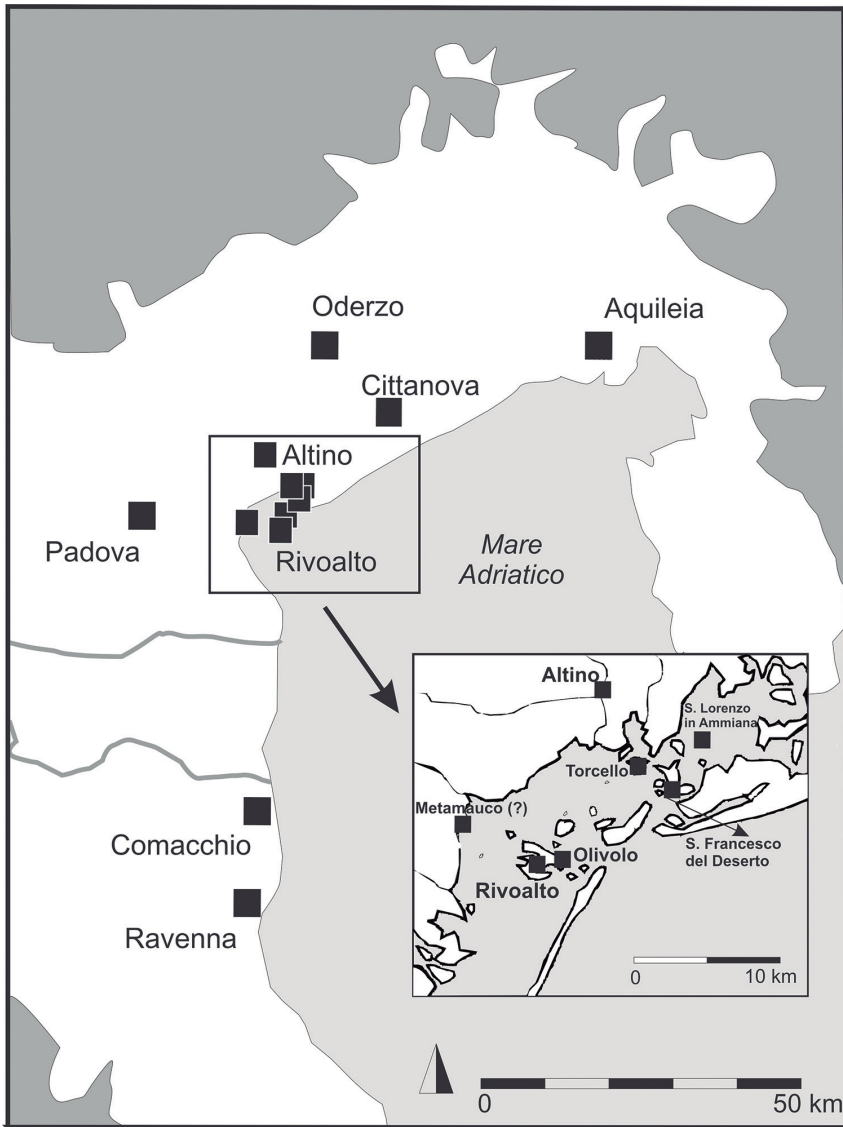


Fig.1 – Location of the main cities and settlements mentioned in the text (Laboratorio di Archeologia Medievale, University of Ca' Foscari, Venice).

During the Early Middle Ages, the entire northern Adriatic arc appears to have been affected by a very marked phenomenon: the movement of cities. This was a clearly distinctive sign compared to that recorded throughout the rest of the north of the peninsula, where the ancient cities were either abandoned or they survived,

yet no new cities were founded. Instead, in the northern Adriatic arc, new urban settlements were established; or, in any case, settlements developed which aspired to become cities or, at least which markedly reflected the urban model. The other peculiarity is that these centres developed especially along the coast and in locations, such as lagoons or river estuaries, that were used rather infrequently in the ancient world as a location in which to establish cities, although there are some exceptions, such as Ravenna and *Altinum*.

There are various issues that may lead to providing an explanation for this phenomenon, yet generally these are summarised by the need of the local population to defend and protect themselves from their enemies: we seem to be faced with the migration of entire populations originating from the mainland areas towards the safer lagoon areas. Security was the main reason, but security is not always a permanent status.

Such narratives basically derive from historical-narrative texts, of more or less recent origin and writing. These are complex texts, that normally tend to simplify complex social, political and economic phenomena. Moreover, these refer to paradigms of an ancient mythographic nature, such as that relating to migrations. Such paradigms are used in order to explain – definitely in retrospect – a new state of affairs: in short, to report historical processes in a well-known, legendary and, as such, reassuring context. Thus, they are functional in order to establish new identities of populations, drawing on historic episodes that have more value for the present, in which they were elaborated, than for the past to which they were attributed.

The traditional explanations would have produced new narratives about the settlements. In the lagoon area direct descendants of ancient cities situated on the mainland (in decline or abandoned) will be: Grado for Aquileia, Cittanova or Equilo for Oderzo, Torcello for *Altinum*, and Metamauco for *Padua*. The reasons for this ‘construction’ are rather clear and can be easily identified in the future history, especially of Venice, that needed to re-create its own past, the moment in which the new city took on a decisive, pre-eminent political and economic role; and the text that aided the construction of these narratives is the *Istoria Veneticorum*, written most likely by a certain Giovanni Diacono towards the beginning of the eleventh century³.

In fact, by examining the narratives in detail, focusing on the individual areas and, when possible, integrating them with archaeological data, we realise that these describe quite a variety of situations which are necessary to bear in mind if one wishes to critically analyse what we can define as ‘traditional explanations’.

³ GIOVANNI DIACONO – *Historia Veneticorum*. Ed. L. A. Berto. Fonti per la Storia dell’Italia Medievale. Bologna: Zanichelli, 1999.

3. Old and new towns: the vocabulary of the written sources.

We still know very little of the Roman cities situated along the coast – or in neighbouring areas – belonging to the ancient *Regio X Venetia et Histria*, which were either abandoned or presumed to be in decline: like ancient Adria, Este (*Ateste*), Oderzo or Padova (*Padua*).

We've more archaeological data about the Roman city of *Alatinum*, because was abandoned. However, the later historical phases of the city (sixth, seventh, eighth c. AD) remain little known⁴.

Basically, with the exception of *Alatinum*, none of the ancient Roman cities founded near the Venetian Lagoon, or slightly further south, disappear completely, rather these continue being inhabited towns, also of a significant nature, during the Middle Ages and up to the present day. The overall picture that emerges from this appears therefore to agree with 'traditional explanations': but is this really the case?

These written sources make of vocabulary relating to inhabited areas is particularly significant for this study. With regards to our areas, it would be sufficient to consult a text that has already been cited, the *Istoria Veneticorum*, in order to demonstrate this: the same locations are defined in a different way depending on the passage in which they are mentioned. There are several reading options available in order to explain these differences: a different origin of passages taken from the *Istoria*, different political-social circumstances in which the same places would have been mentioned, perhaps also a different overall intention to treat the role played by these locations on a hierarchical basis⁵. In any case, such a situation calls for overall reflection and advises caution, especially as concerns terms such as *civitas* and *castrum*, that, in this period, no longer represent material and institutional entities that can be compared with those that existed in the ancient world.

Currently, archaeology does not seem to have been used in the best possible way. It is necessary to admit that the profound changes in the components of 'material culture' make these interpretative options easier. The antinomy of masonry structures vs wooden buildings for housing purposes gives us the idea of complexity

⁴ About *Alatinum* during the Late Antiquity: CALAON, Diego – Altino (VE) – “Strumenti diagnostici (GIS e DTM) per l'analisi delle fasi tardoantiche ed altomedievali”. In ZACCARIA RUGGIU, Annapaola (a cura di) – *Le missioni archeologiche dell'Università di Venezia. 5 Giornata di Studio*, Venezia: Università Ca' Foscari, 2006, pp. 143-158; TIRELLI, Margherita; POSSENTI, Elisa – “Sepolture e ritualità funeraria in Altino tardoantica”. In RINALDI, Federica; VIGONI, Alberto (a cura di) – *Le sepolture nella media e tarda età imperiale (III-IV secolo D. C.) a Iulia Concordia e nell'arco altoadriatico. Organizzazione spaziale, aspetti monumentali e strutture sociali*. Rubano (PD): Fondazione Colluto, 2015, pp. 245-261.

⁵ About this subject BERTO, Luigi Andrea – *Il vocabolario politico e sociale della “Istoria Veneticorum” di Giovanni diacono*. Padova: Il Poligrafo, 2001; see also GELICHI, Sauro – “Flourishing places in North-Eastern Italy: towns and emporia between late antiquity and the Carolingian Age”. In HENNING, Joachim (ed.) – *Post Roman Towns, Trade and Settlement in Europe and Byzantium*, vol. 1. *The Heir of the Roman West*. Berlin-New York: De Gruyter, 2007, pp. 77-104.

vs poverty and simplification. In this context the phenomenon of urbanism, a conceptual category and a material entity that transitions from the Early Middle Ages to the present day, is read in this perspective. The impression is that of archaeology as unable to fill in the gaps or to correct the distortions in historical narratives. The problem is that the settlement stages during the Early Middle Ages require different archaeological methods and approaches, not only of an instrumental kind, but also of a conceptual nature. An interesting theoretical concept could be to consider the history of the cities not in a biological sense (birth, growth and death = foundation, life, decline), yet as spaces where various lifecycles alternate.

A suitable area in which new conceptual and methodological approaches can be experimented with in order to create a different quality of archaeological record, as well as a different type of narrative, can be represented precisely by what we are currently dealing with here; where new cities are established, or better still, where there are places aspiring to become cities, regardless of the fact of whether they actually do become one or not. I will take two examples into account: the first, extremely famous, regarding a 'successful' site, or rather Venice, the second one the case of Comacchio.

4. Life cycles and settlements: the case of the Venetian Lagoon.

In Roman times, the lagoon was neither mainland nor was it densely inhabited (or permanently inhabited), as has been imagined by some scholar⁶. This does not mean that it had never been frequented, or exploited, but no permanent settlement of any sort is known prior to the Late Antique period.

The analysis of the Venetian Lagoon ecosystem has shown how its environmental conditions changed between the fifth and the sixth centuries, in an interesting coincidence with the initial processes of settlement that we can deem as being of a permanent nature, meaning buildings with structures partly in masonry, the topographical organisation of spaces, the preparation of waterfronts, reclamations and backfills. At that time, a worsening of the climate would have caused a strong sea ingression, and this could have also contributed to a more intensive exploitation in the production of salt.

However, these environmental changes could have affected the development of the settlement in another way. The nearby city of *Altinum* underwent a progressive process of transformation from the late imperial period. The port functions of the city were slowly delegated to other locations, situated in the Lagoon, some of which have been archaeologically surveyed, such as Torcello, San Lorenzo di Ammiana,

⁶ In particular DORIGO, Wladimiro – *Venezia Origini. Fondamenti Ipotesi Metodi*. Milano: Electa, 1983.

San Francesco del Deserto (St. Francis in the Desert)⁷. Such settlements had to fulfil a commercial and itinerary function.

From an archaeological point of view, this process is linked to two types of data. The first is the presence of permanent forms of occupation, characterised by buildings of a residential nature and of good quality, in relation to wooden warehouses and waterfronts (such as those found in San Francesco del Deserto), that bear witness to the constant interest in preserving the inhabitable and usable area. The second archaeological data consists of a substantial quantity of imported products, such as pottery and amphoras, of Mediterranean origin, numerically not to scale when compared to the density of the lagoon settlement and above all, to what we could define as its key social factor⁸. A letter by Cassiodorus (6th c. AD) (Cassiodorus, *Variae*, XII 24) tells us that the lagoon played an important role in maritime communications, by constituting a transit point in transporting Istrian oil, wheat and wine towards Ravenna, the new capital of the empire (and subsequently of the Ostrogothic Kingdom). In this period, the entire north lagoon, seemed anything but in crisis.

The next step must be to acknowledge a process in the selection and concentration of the settlements. This process is currently rather evident, always in the north lagoon area, in certain settlements that were abandoned, or re-converted into funerary areas such as San Lorenzo di Ammiana, between the sixth and the seventh centuries. Thus, between the sixth and the seventh centuries, the progressive loss, by the *Altinum* district, of its urban functions conversely produces the birth and the development of the residential area: residential area which later became the emporium, of Torcello and, in the middle of the lagoon, of that of Olivolo. Significantly, both in the first case, Torcello in the seventh century, and in the second, Olivolo in the eighth century, these cities became episcopal sees.

In short, up to the eighth century, the Venetian Lagoon appeared to be at the centre of a pluri-focal process, at least in terms of settlements. This multitude of settlements obtained visibility especially in the political formations that they took on or that, subsequently, they were attributed. Basically, places qualified by either the presence of the bishop emerged; first Torcello, then Olivolo Cittanova, Metamauco,

⁷ About the movement of the settlements in the Venetian lagoon area see GELICHI, Sauro; MOINE, Cecilia (eds.) – “Isole fortunate? La storia della laguna nord di Venezia attraverso lo scavo di San Lorenzo di Ammiana”. *Archeologia Medievale* XXXIX (2012), pp. 9-56.

⁸ In particular see the variety and quantity of imported pottery: GRANDI, Elena – “Ceramiche fini da mensa dalla laguna veneziana. I contesti di San Francesco del Deserto e Torcello”. In GELICHI, Sauro; NEGRELLI, Claudio (a cura di) – *La circolazione delle ceramiche nell'Adriatico tra Tarda Antichità ed Altomedioevo. III Incontro di Studio Cer.am.Is.* Mantova: SAP, 2007, pp. 127-153. On the amphoras: TONIOLO, Alessandra – “Anfore dall'area lagunare”. In GELICHI, Sauro; NEGRELLI, Claudio (a cura di) – *La circolazione delle ceramiche nell'Adriatico tra Tarda Antichità ed Altomedioevo. III Incontro di Studio Cer.am.Is.* Mantova: SAP, 2007, pp. 91-106.

and finally Equilo; or by that of a position that was to take on a political role and meaning, especially at a later stage, that of a ducal nature. It is very likely that this situation reflected tensions, conflicts and competition among the members of the aristocracy that were slowly freeing themselves from imperial power. The transfer of the *palatium* from Cittanova, initially to Metamauco, and then to Rialto – and with it also the ducal power –, as is described in the historic-narrative sources, can be explained both following this logic and in this context.

Among all the places in the Venetian Lagoon, the islands of the Rialto archipelago play an extremely significant role. A recent reconstruction of the paleo-environmental picture gives us a very useful starting point.

In Roman times (and Late Antiquity), the lagoon was slightly different compared to the period immediately afterwards. The most interesting fact is that the ancient coastal cords coincide, more or less, with those of today; and above all that the port mouths coincide, i.e. the accesses to the lagoon from the sea. The proximity between these latter and the easternmost islets of the Rialto archipelago help us to explain the reason for the colonisation of the island of Olivolo that seems to constitute, given the current state of our knowledge, the most ancient and significant settlement of the entire complex. Excavations carried out between the end of the 1980s and the early 1990s have brought to light the ruins of a commercial headquarters that was operational between the fifth and the sixth centuries, perhaps directly linked with Byzantine power, as the three seals and the golden coin discovered inside a residential complex appear to imply⁹. Such hypothesis is in line with the same position of the site in Olivolo, at the far end of the Rialto archipelago and in close proximity to the port inlets, a protected area yet, at the same time, near to the accesses to the Adriatic Sea, therefore, an ideal area for the Byzantine fleet to be stationed.

Viewed in this context, the choice to transfer the youthful ducal power – or simply the centre of power – to the Rialto archipelago, even if slightly more inland when compared to Olivolo, can be best explained. The choice of Rialto, is explained by its centrality, not only in the lagoon, but also by its communications with the outside world. Moreover, here the fleet, first Byzantine, then of a ducal nature could well have found its logical *ragion d'être*. The willingness, I would also add the necessity, to colonise this specific archipelago, is reflected very well also in the proven reclamation activities. These appear not only as a constant presence in urban archaeological research, but they also can be seen with extreme clarity if one places the map of the lands that have naturally emerged, on top of the location of

⁹ TUZZATO, Stefano – “Venezia. Gli scavi a San Pietro di Castello (Olivolo). Nota preliminare sulle campagne 1986-1989”. *Quaderni di Archeologia del Veneto* 7 (1991), pp. 92-103; TUZZATO, Stefano; FAVERO, Vito; VINALS, Maria Jose – “San Pietro di Castello a Venezia. Nota preliminare dopo la campagna 1992”. *Quaderni di Archeologia del Veneto* 9 (1993), pp. 72-80.

the ecclesiastical foundations, namely churches and monasteries. Their imperfect matching is a clear indication of the efforts that the nascent Venetian community made so as to occupy as much land as possible, as we are reminded once again, by the main source for this period, the *Istoria Veneticorum*.

5. A settlement in a grey zone: Comacchio.

I will start with a brief introduction to Comacchio¹⁰. In the written sources Comacchio is famous for being at the centre of a treaty drawn up between the Lombards and the inhabitants of the site in question in relation to trading activities that occurred along the Po and its tributaries. This treaty is the first historical text referencing Comacchio and it dates to 715 (or to 730). A number of references about Comacchio are then in the *Historia Veneticorum* attributed to John the Deacon. In 875, the settlement would have been damaged by an attack from the Saracens, who had previously attempted to conquer Grado. The Saracens, who had been put to flight by a fleet of Venetics, had bent towards Comacchio, sacking it. But another war episode seems to have been even more terrible and definitive. In 932, the Venetian duke, Peter II Candiano, send an army against the *Comaclenses*, to respond to an insult. This time, the use of weapons seems really decree the end of the settlement. According the *Historia Veneticorum*, Comacchio was burned and its inhabitants deported to Venice.

The archaeological excavations, conducted between 2007 and 2009 in two areas of the historical town (around the cathedral and within the zone of Villaggio San Francesco) have brought to light a sequence that spans the time periods over which the settlement developed (it started in the second half of the 6th century, progressed towards the 7th century and consolidated in the 8th century)¹¹. They have also revealed its economic and social characteristics and, above all, they confirm that the settlement had been an important trading centre. These excavations have also directly confirmed Comacchio as an episcopal see over the course of the 8th century, and they provide evidence of a crisis having occurred towards the 10th century, represented by the destruction and reconstruction of the Episcopal church and by the abandonment of the area of Villaggio San Francesco (according to the written sources). This area (now outside the historical town centre) has been very important during the early middle age because the presence of port structures and warehouses; and, above all, because it was in an interconnection point between the waterways and the sea communications. Comacchio remains a bishopric, but the economic

¹⁰ The bibliography on Comacchio is enormous. However, in relation to the most recent archaeological research and its results see note 1.

¹¹ GELICHI, Sauro *et alii* – “The history of a forgotten town...”, pp. 169-205.

situation changed radically. Archaeological excavations have shown that there are no import pottery or amphorae in the layers back to the 10th century onwards.

In the debate about Comacchio (and, in some respects, about Venice), the term *emporium* is brought up; a word infrequently used in relation to the Early Medieval Period (and, of consequence, in our historiography). Conversely, and as is well known, emporium is commonly used in relation to discussions about northern Europe, where it is used to define a series of trading settlements that, in many cases, would have formed the grounds for the origin of the urbanization in these territories.

A comparison between the emporia of northern Europe and these settlements appearing near the littoral areas of the Mediterranean has been proposed, not only to identify possible typological similarities (albeit on rather dangerous grounds), but also in order to help contextualise a phenomenon that has been largely within the scientific debate until now. There are a number of similarities, including temporal overlapping, between the phenomena of the emporia of northern Europe and the birth of these new settlements on the North Adriatic Sea that are worth highlighting.

Furthermore, there are many similarities between Comacchio and the class B emporia originally proposed by Richard Hodges (some of them are mentioned above): the fact that it developed in a previously unsettled area (or that it did not evolve directly from an ancient city); the fact that it was mainly based on trade, including long-distance trade; the fact that it was a place where crafts activities developed; finally, the fact that it was not directly established by the central power, and that, in the initial stage at least, it had no direct link with ecclesiastical power. But was Comacchio also at that heart of dependant territory? Did it exercise the functions that we usually assign to a central place?

In a recent article Soren Sindbæk re-examined central places, organizing them according to a hierarchy of basic concepts (such as open access and nodal points) characterizing coastal settlements¹². This approach appears to be equally applicable in explaining the existence of a centre like Comacchio (and, why not?, Venice). In an initial phase at least, Comacchio seemed to fall into the category of nodal points: favourable position for trade routes protected by a lagoon, thus offering safe landing places and berths for ships; arrival and nodal point for international goods; absence of a strong power. At the same time, until the first quarter of the 8th century at least, Comacchio does not seem to have controlled a territorial district or to have carried out a specific function of redistribution of goods in its immediate hinterland given that its trading sphere covered the entire Po plain. It was only during a subsequent phase (from the second quarter of the 8th century at least) that the presence of a

¹² SINDBAEK, Søren – “Open access, nodal points, and central places. Maritime communication and locational principles for coastal sites in South Scandinavia, c. AD 400-1200”. *Estonian Journal of Archaeology* 13, 2 (2009), pp. 96-109.

bishop (directly appointed by the archdiocese of Ravenna) would introduce a figure of institutional rank and with a high political profile playing a key role in the centuries to come. It is in this period moreover that the few surviving documents testify to the existence of a landowning aristocracy. Comacchio, therefore, seems to be evolving towards functions causing it to resemble a central place, while at the same time maintaining the prerogatives of a place for the long-distance redistribution of goods, also because in this circumstance “long-distance transport can be understood as a simply extension of the central place function.”

Comacchio's decline after the 9th century would not only lead to the collapse of a maritime trading link, but would also constrain its community within an increasingly lifeless dimension of localism. Comacchio had not time to elaborate its mythography like Venice, so we don't know almost anything about its previous past through narratives.

6. Why strange cities?

The cases we have presented are different (in the times, in the ways, above all in the outcomes), but they also have different points in common, as we have seen. I would like to highlight the ones that seem most interesting to me. McCormick writes that Venice was not founded by a king¹³ and the same we could say about Comacchio. Both settlements arise in marginal spaces, and most probably owe their fortune to arise in marginal spaces. In a different way, the Comacchio and Venetic aristocracies were able to free themselves from the neighboring strong powers: Longobards, Byzantines and then Franks. For example, Comacchio is not an extension of a great city, like Ravenna: Comacchio is not the port of Ravenna. These centers owed their fortune to being raised in a “grey zone”.

Another aspect that should not be underestimated is the ability to move in a new economic space. The private dimension of this space is not absolutely determinable (even if the contemporary sources speak of the existence of *mercatores*), but unquestionably Comacchiesi (before) and Venetic (then) were able to exploit their geographical position in an economic opportunity. Both areas had been producing goods deriving from the specific resources of those territories (salt and fishing), but it was not only salt and fishing that decreed its fortune. Both became nodal points, junctions and connections between the Adriatic sea and the interior. The fortunes of Comacchio are probably due to the role played by the economy of the Lombard kingdom; those of Venice, to relations that it was able to establish with the Franks.

In terms of settlement, Comacchio and Venice are two new cities, built in a

¹³ McCORMICK, Michael – “Where do trading towns come from? Early medieval Venice and the northern *emporia*”. In HENNING, Joachim (ed.) – *Post Roman Towns...*, p. 44.

very special environment. But they had very little of the ancient cities, not only because they were not originated from ancient cities, but because they were not even the result of a planned action, as instead seems to be the case with Leopoli, founded by Pope Leo IV in Lazio in the 854. Although they did not have much of the ancient cities, they continued to have, as a model, the ancient city. More than for Comacchio (which did not have its own narrator), this is evident for Venice, where the *Istoria Veneticorum* is able to indicate this passage very well. Not only because it is explicitly explained (“Circa hec vero tempora domnus Petrus dux cum suis civitatem apud Rivoaltum edificare cepit”: *Istoria Veneticorum* II, 39), but also because the text refers to some qualifying “aspects” of ancient cities, such as the presence of the city walls. In any case, it is the whole of the *Istoria Veneticorum* a creative document of an urban identity. Venice (and also Comacchio) were abnormal cities that wanted to look normal.

The short history of Comacchio does not allow us to appreciate its evolution well. In the 9th century, the Adriatic emporium was put out of action by the more aggressive and better equipped neighbors of Venice. Something more we know about Venice, even if archaeology has to tell us much more than we know. The fact is that, even in the tenth century, much of the city had to be made of wood, except for churches, monasteries and the ducal palace. Fires particularly devastating between the 11th and 12th centuries canceled many of the ancient traces: the city was now ready. After the Fourth Crusade (1198-1204) Venice had become a maritime power, and ruled over large parts of the Adriatic, up to Constantinople. From here will come the marbles that will adorn the new churches, the new monasteries and, now, even the new brick houses: now finally the city could show its new sparkling face, what we are still able to appreciate.

Em Outubro de 2019 decorreram em Castelo de Vide a 3ª Escola de Outono em Estudos Medievais e as 4ªs Jornadas Internacionais de Idade Média, estas últimas em torno do tema Abastecer a Cidade na Europa Medieval. Um ano depois, graças ao apoio da Câmara Municipal de Castelo de Vide estamos a disponibilizar ao público uma recolha de textos selecionados de entre os apresentados nesses dois eventos, depois de terem sido alvo de uma dupla avaliação por pares. Apesar das dificuldades colocadas pelo actual contexto pandémico ao desenvolvimento de trabalhos de investigação, é possível publicar um conjunto de 30 textos elaborados por 33 investigadores provenientes de Portugal, Espanha, Itália, França e Estados Unidos da América. Esta obra, revelando e ampliando o que foram as lições da Escola e as conferências plenárias e comunicações das Jornadas, vem dar continuidade ao desiderato que desde sempre foi associado à organização destes dois eventos: ultrapassar o âmbito mais restrito dos que neles participaram através da divulgação, em formato papel e digital, de conhecimento novo e de qualidade sobre a cidade medieval.

Editores, Apresentação.

Apoio:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

